

CONTRATO N 2810/97
ECT CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC CÂMARA LEGISLATIVA

Biblioteca/CLDF

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 54/56
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

GOOOO!!!

**Esse é o
país do
futebol**

**Entrevista com o poeta
Anderson Braga
Horta**

Andorinhas, garças...

□ CLEMENTE LUZ

Vamos construir beirais, meus amigos!

As andorinhas estão chegando.

Farece incrível, mas elas estão chegando, com suas asas ligeiras e seus peitos brancos.

Quem me deu o aviso foi a alma lusa do Rodrigues. Esses portugueses, práticos e duros na vida, guardam sempre uma reserva de ternura nos corações e são capazes de suspender a venda de um pão, para acompanhar as evoluções das aves de arribação, retrato vivo das andanças lusitanas, que resultaram em tantas descobertas no mundo.

Os que combatem Brasília, à falta de argumentos, dizem que a terra é tão madrasta, que nem os pássaros aqui podem viver! Isto é tão gostosamente absurdo como absurdo é dizer que um trator bateu asas e voou...

É claro que, nos canteiros de obras, onde a poeira é permanente e onde as máquinas expelem estilhaços por todos os lados, a vida para os pássaros seria impossível.

Mas os cerrados possuem a sua passarada própria, de cores várias, de cantos vários. A poucos metros de qualquer ponto de terra revolvida, os bandos de periquitos, de pássaros-pretos, de canários-da-terra, de sabiás-do-campo cruzam os céus e compõem a melodia de seus cantos uniformes.

E agora estão chegando as andorinhas...

Deve ser o tempo propício à arribação.

Elas devem estar vindo de outros campos, onde o frio não tenha sido muito intenso, nos últimos meses.

Eu imagino o que deve ter acontecido: a andorinha-guia, encarregada de descobrir o melhor pouso para o bando, voava sobre o planalto, talvez em direção a Goiânia, a Anápolis, a Paracatu ou Cristalina, quando viu cá embaixo uma cidade nova, diferente.

Imediatamente, deu o aviso:

- Uma cidade nova! Deve ter beirais e crianças!

E continuou no vôo de reconhecimento...

Pequenos bandos foram vistos ontem e, naturalmente, serão vistos daqui por diante, até o próximo tempo de arribação.



e outras aves de arribação

Elas aí estão festejando os prédios novos, enfrentando a poeira, procurando as reentrâncias, para o pouso. E Brasília não há de ser uma cidade tão lisa, que não lhes ofereça reentrâncias para o ninho e para o pouso.

Elas aí estão, alegrando os ares, sentindo a cidade.

E, breve, quando suas asas sentirem o chamado do desconhecido, elas irão, levando aos céus, na sua rota de arribação, a mensagem da cidade nova, que nasceu no planalto secular, onde apenas existiam velhos beirais e velhas cidades.

Amigos, vamos construir beirais para as novas amigas visitantes, que estão chegando, com suas asas ligeiras e seus peitos brancos.

Vamos construir beirais, meus amigos!

As andorinhas estão chegando.

Passado o tempo das andorinhas, chegou o tempo das garças.

Elas aqui estiveram, todos os anos, antes que os aparelhos de precisão comesçassem o trabalho de delimitar a area do novo Distrito Federal. Vinham de longe,



ninguém sabe de onde, trazendo, em seu corpo esbelto e esguio, a mensagem e o cheiro das terras distantes. Talvez de terras estrangeiras. E, à margem dos riachos, sob a fronde das árvores ciliares, cisamaram e sonharam com a próxima partida e amaram.

Um dia, no planalto, onde animais silvestres e mansos bois viviam, elas encontraram bichos diferentes, nunca vistos em suas andanças. As máquinas abriam ruas, mudavam o curso dos regatos, derrubavam a floresta, faziam um barulho infernal, perigoso para as suas vidas tenras de poemas volantes. Levantaram vôo antes do tempo, e procuraram outros pontos de pouso. Depois, aqui voltaram, e a poeira

ra das máquinas manchou-lhes o branco das penas. Dessa vez, nem chegaram a fazer pouso. Suas asas tranqüilas cortaram o céu e desapareceram no horizonte.

Mais tarde, em outra arribação, novamente, voltaram. E viram, plantado no solo antes verde e agora vermelho, uma coisa leve e bela, como a sua leveza e a sua beleza. Gostaram do palácio, mas não puderam, ainda desta vez, ficar.

Mas a visão do Palácio, mais pássaro do que prédio, mais flor do que cimento, foi com elas. E a saudade fez ninho em seu coração. Aguardaram o novo tempo de arribação. E, depois de dois tempos, retornaram. E agradeceram, ao Deus dos pássaros viajeros e das aves nômades, o presente magnífico: onde corriam as águas minguadas dos córregos havia um lago. Tão grande e transparente, como os lagos das outras terras, porém mais belo, porque refletia a imagem da beleza que elas, as garças, haviam visto antes.

E hoje, aos bandos, elas aí estão.

Todas as tardes, suas esquadilhas brancas contornam o lago, voando sobre a linha amarela do Cota Mil.



Clemente Luz é jornalista, escritor e pioneiro de Brasília. (Crônicas publicadas na antologia *Cronistas de Brasília*, organizada pela escritora Aglaia Souza, de 1995.)